



"Amazônia em chamas"
Foto: Ueslei Marcelino - Agência Reuters

Mal estar na natureza e o futuro das civilizações



Por Maria Luiza Gastal, membro associada da SPBsb e do Climate Committee da IPA

Os flagelos (...) são uma coisa comum, mas é difícil acreditar neles quando se abatem sobre nós. (...). Nossos concidadãos não eram mais culpados que os outros. Apenas se esqueciam de ser modestos e pensavam que tudo ainda era possível para eles, o que pressupunha que os flagelos eram impossíveis (...). Como poderiam ter pensado na peste que suprime o futuro, os deslocamentos e as discussões? Julgavam-se livres e jamais alguém será livre enquanto houver flagelos¹.

Os flagelos sempre aconteceram, a despeito da crença da humanidade em sua desimportância. Nosso flagelo atual tem um nome – COVID-19 – e há os que insistem em que não existe. “E daí? Quer que eu faça o quê?” Na cultura do “f.-se”, alguns líderes expressam com nitidez nossa falta de modéstia. Para eles, porque tudo é possível,

o flagelo é impossível. São só 90.000 mortes - todo mundo morre, afinal.

A crise ambiental, mãe de todas as pestes, é apontada desde meados do século XX como fruto de uma relação problemática de parte da humanidade com a natureza. O movimento ambientalista nasceu da contracultura, na década de 60, contra essa relação, e ganhou força política com a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente, em 1972. Vinte anos depois, a Convenção sobre a Diversidade Biológica (CDB) e a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, assinadas na Rio-92, sugeriam que a humanidade parecia disposta à modéstia de se ver como parte de uma natureza que não existe para lhe servir e a cujas leis se submete. O termo “biodiversidade” é central nesse movimento. Cunhada com base em “diversidade biológica”, até os anos 80 sinônimo de riqueza de espécies e, mais tarde, também de diversidade genética, a expressão contraiu-se em grafia e expandiu-se em sentido para incluir a diversidade ecológica. É como a CDB a define: diversidade genética, de espécies, de ambientes. Diversidade de diversidades. Por que a ameaça à biodiversidade nos torna tão vulneráveis?

Vejamos o coronavírus. Ele mudou, se adaptou e saltou

de morcegos para pangolins e desses para nós, com a destruição de ambientes originais de morcegos e pangolins - uma redução na biodiversidade. Mutações frequentes são próprias dos vírus, que se transformam continuamente, sobrevivendo a mudanças de ambiente. Mamíferos são mais lentos na corrida contra mudanças abruptas do ambiente porque suas gerações são muito mais longas. Nossas chances de adaptação são bem mais restritas, deixando-nos em franca desvantagem na corrida contra os parasitas, e a extinção de ambientes naturais e de espécies que abrigam esses vírus nos coloca, e a outros mamíferos (inclusive os que nos alimentam) em situação perigosa. A gripe espanhola matou 50 milhões de pessoas e começou com uma mutação do vírus *influenza* que passou de aves migratórias para porcos de uma produção em grande escala (com pequena diversidade genética) do Kansas, e deles para um soldado de Fort Riley. O que aconteceu com o nCoV-2019 pode acontecer com parte dos 3,2 mil coronavírus presentes em morcegos brasileiros², graças ao desmatamento e o avanço de zonas urbanas sobre florestas. Mais: como diferentes espécies possuem funções ecológicas diferentes, destruímos ecossistemas também pela eliminação

de espécies com funções específicas (como polinizadores), contribuindo para a alteração de regimes climáticos locais e globais. A peste avança na forma de escavadeira, trator, agrotóxico, queimada, pasto, gado... Destruímos ainda a diversidade de culturas e modos de vida com outras relações com a natureza, que poderiam nos ensinar a sobreviver ao coronavírus e evitar novas pestes. O capitalismo exige que queiramos e façamos (e compremos) as mesmas coisas. A economia de escala não gosta da diversidade.

Mas a crise ambiental é diversa para os humanos. Segundo relatório da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) de 2019, o número de pessoas sem alimentos suficientes atingiu 820 milhões em 2018. Podemos alimentar mais do que a população existente, mas nos países ricos 40% da comida vai para o lixo em condições de ser consumida. Nos últimos sete anos a renda acumulada dos brasileiros mais ricos cresceu 8,5%; a dos mais pobres caiu 14%. No mundo, 2.153 bilionários possuem renda igual à de 4,6 bilhões de pessoas e o 1% mais rico embolsa o dobro da renda de 6,9 bilhões de pessoas^{3,4}. Neste mundo desigual, onde desperdício e falta coexistem, como é a crise ambiental para seres humanos de realidades tão diferentes?

Freud vê um conflito entre natureza e cultura, sendo aquela responsável por duas de nossas três fontes de sofrimento: "a prepotência da natureza" e a "fragilidade de nosso corpo"⁵. O fato de a cultura ser nossa arma contra a natureza torna ainda mais doloroso seu reconhecimento como outra fonte de dor. Apesar de Freud romper com ideais modernos da razão (afirmando a primazia do inconsciente sobre ela) e individualismo (ênfatisando a intersubjetividade), mantém intacta a noção de natureza da Modernidade. O sujeito da psicanálise, moderno, vê a natureza como sofrimento. Mas não precisa ser assim.

Isabel Carvalho⁶ assinala que o movimento ecológico nasce como porta-voz de descontentes com a civilização que veem o sofrimento humano como **resultante do afastamento do natural** - "o sujeito ecológico partilha (...) a

crença na possibilidade de curar o conflito entre natureza e cultura"⁷. Mais: diferentemente da metapsicologia freudiana, voltada ao sujeito, o ideário ecológico é concebido como movimento social e "toma a via utópica da busca de uma solução conciliadora do conflito natureza-cultura"⁸. Surgem daí novas epistemologias ecológicas, com autores como Haraway, Ingold, Latour, em busca de uma compreensão ecológica do mundo, de "uma epistemologia encarnada e imanente aos contextos do mundo da vida"⁹.

Conhecemos bem a peste da crise ambiental e climática que impomos ao planeta. O que impressiona a todos que a estudam é a aparente apatia da humanidade em relação a ela. A psicanálise tem muito a contribuir em relação a isso, mobilizando sua estrutura conceitual e investigando as ansiedades despertadas pela crise. "O que posso fazer só contra isso tudo?", "como vou abrir mão das coisas que quero consumir?" são algumas das incontáveis questões e escolhas que se colocam para quem se propõe a pensar sobre o tema. Ansiedades que mobilizam mecanismos primitivos de defesa, como a denegação, mas a respeito dos quais se impõe aos psicanalistas o desafio de pensar não somente em termos clínicos, mas também numa moldura histórica e social. A psicanálise ganhará muito se dialogar com as novas epistemológicas ecológicas e com outras culturas. E a vida no planeta ganhará com a contribuição do marco teórico de Freud e seus herdeiros, que são chamados a se engajar na tarefa de pensar outros mundos possíveis. Está em jogo o futuro das civilizações.

1 Camus, A Peste [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Record, 2019. p. 37

2 Maxmen, A. Bats are global reservoir for deadly coronaviruses. Nature News, Jun 12, 2017

3 <https://www.cartacapital.com.br/economia/concentracao-de-renda-mostra-brasilianizacao-do-mundo/>

4 <https://plan.org.br/agenda2030- quais-sao-as-consequencias-da-fome-para-o-mundo/>

5 Freud, S. O mal-estar na civilização. In Obras completas, vol. 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, 1930/2010.

6 Carvalho, I. Para além do mal estar da civilização: a cura ecológica e a educação da percepção. 30a Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - Anped, GT22 - Educação Ambiental. n. 22, p. 1-34, 2006b. p. 15.

7 Idem, p. 15-16

8 Idem, p. 15

9 Idem, p. 16

Observatório Psicanalítico amplia espaço na Febrapsi e em Congressos de Psicanálise



Maria Elizabeth Mori, membro associada da SPBsb

Lançado em abril de 2017, o Observatório Psicanalítico (OP) passou a ser uma importante publicação da Febrapsi nas mídias sociais, com ensaios de psicanalistas de todo o país sobre acontecimentos sociopolíticos, culturais e institucionais do Brasil e do mundo, vistos sob a ótica da Psicanálise. O OP já tem Mesa Redonda confirmada no 33º Congresso da Fepal, a ser realizado, de forma virtual, entre os dias dois e 31 de outubro (sextas-feiras e sábados), no Uruguai. O tema será "Fronteiras", e a Mesa do OP, além de representante brasileiro, será composta por colegas do Uruguai, Peru e México, que abordarão *A Democracia na América Latina*. Por todos esses motivos, o **Boletim Informativo**

(BI) entrevistou Maria Elizabeth Mori, uma das curadoras e coordenadora do OP, membro associada da SPBsb.

BI – Como surgiu a ideia de fazer o OP? E como foi feito inicialmente?

Durante o Congresso da Fepal em Cartagena, em setembro de 2016, participei de uma mesa redonda com colegas do Brasil e da Argentina, cujo tema debatido era Psicanálise: memória e verdade. Havia ocorrido o *impeachment* da Dilma Roussef e a frase do então deputado Jair Bolsonaro dedicando seu voto a Brilhante Ustra (Carlos Alberto Brilhante Ustra, ex-chefe do DOI-CODI do II Exército, um dos órgãos atuantes na repressão política, durante o período da ditadura militar no Brasil e torturador condenado). Ficamos muito tocados com isso e escrevi meu trabalho sobre o retorno do assunto ditadura. Os colegas da Argentina trouxeram também o tema da ditadura e discutimos a importância do manifesto, até hoje, das mães dos desaparecidos, todas as quartas-feiras pela manhã, na Praça de Maio. Começavam também, nessa época, governos totalitários na Europa e na América do Sul. Então pensamos que o autoritarismo estava em pauta, que os atos políticos

praticados por governos autoritários quando não falados, não simbolizados, trazem sérios prejuízos à saúde mental das pessoas. Todos que participavam da Mesa trouxeram o tema, uma psicanálise que olhava para o político e cultural. Esse foi o mote que nos inspirou para criar o OP. Em conversa com nossa colega Cíntia Xavier de Albuquerque (SPBsb) propus que pensássemos sobre o assunto no nosso retorno ao Brasil. Cíntia estava como diretora da recém criada Diretoria de Comunidade e Cultura da Febrapsi, então sob a presidência de Daniel Delouya (SBPSP). No âmbito da Fepal, e em parceria com a Febrapsi, nossa colega Magda Koury (SBPSP) havia realizado uma pesquisa chamada "Psicanálise a céu aberto", sobre as múltiplas intervenções realizadas por colegas psicanalistas de apoio à comunidade, o que demonstrava o interesse de muitos de nós em questões sócio-político-culturais. Esse era o clima que propiciou a criação do OP. Cíntia, Carlos Frausino (SPBsb) e eu montamos um trio e planejamos a criação do OP. Fizemos o projeto, Cíntia apresentou à diretoria da Febrapsi e este foi aprovado.

BI – Em que data estreou o primeiro OP? E Como foi a repercussão?

O lançamento foi em abril de 2017 com um texto sobre

migração ocorrida na Europa, escrito pelo Roosevelt Cassorla (SBPSP e GEPCampinas). Desde esse primeiro texto, publicamos no Facebook e no *site* da Febrapsi. Junto dessa publicação, criamos um grupo Google de e-mails, um dispositivo de apoio ao OP. Iniciamos com um grupo pequeno, de cerca de quarenta pessoas. O OP teve uma ótima repercussão desde sua criação, tanto é que no Congresso de Fortaleza, em novembro de 2017, teve uma Mesa do OP, com coordenação da Cíntia e participação de Delouya, Cassorla e Ney Marinho (SBPRJ). Lançamos, então, o primeiro jornal do OP, com 30 textos já publicados. Hoje (10/07/2020, data da entrevista) foi publicado o número 179 do OP. No grupo do gmail já temos 370 assinaturas. A Febrapsi, portanto, abriu as portas para os colegas falarem sobre esses assuntos. Acho que fomos somente um instrumento daquilo que diz o Bion: "um pensamento à procura de um pensador". Ou seja, o assunto já estava circulando, em pauta, no ar. O mundo demandava um olhar psicanalítico sobre ele.

BI – Quem são os integrantes da equipe do OP e suas funções?

Hoje a equipe de curadoria do OP é composta por mim (coordenadora), Daniela Boianovsky (SPBsb), Ludmila Frateschi e Marina Bilenky, ambas da SBPSP. Nossa

tarefa continua sendo a de identificar assuntos, temas, eventos e acontecimentos que atravessam nosso cotidiano sociopolítico e cultural e que tem repercussão. Antes, convidávamos pessoas para escrever, agora a gente continua convidando, mas muitos se oferecem para escrever. É grande o número de ensaios que chegam espontaneamente, escritos por colegas de todo o país. Trabalhávamos muito com a ordem de chegada dos textos, mas agora fazemos uma curadoria. Publicamos os textos de acordo com os temas. Os ensaios ficam em torno de 700 palavras. Nós lemos e fazemos a edição. Estávamos publicando um texto por semana, agora publicamos até dois. Ainda são textos muito mais olhados para fora do que para dentro das nossas instituições. Por que é difícil olhar para dentro? O OP número cem, publicado no ano passado, foi sobre um olhar para a instituição, escrito por Anette Blaya Luz (SPPA), de Porto Alegre, que na época era presidente da Febrapsi. Ela fala do chamado quarto eixo da formação, sobre o envolvimento institucional, nossa participação na instituição (os três eixos: análise, supervisão e seminário clínico teórico). A gente ainda pensa pouco nesse tema. O OP olha para fora e para dentro, temos que observar também o que ocorre dentro das nossas instituições, como nós, psicanalistas, ocupamos nossa vida institucional.

BI – O que você pensa sobre o OP ter surgido a partir de Brasília?

Cassorla atentou para esse fato, no referido Congresso, questionando por que surgiu a ideia do OP por psicanalistas de Brasília. Concluiu que é porque a cidade é o centro político de poder do país. Não é à toa. Os analistas de Brasília estão muito próximos aos três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário) e, muitas vezes, seus pacientes estão diretamente envolvidos, de alguma forma, com esses poderes.

Links para acessar o OP:

- Para participar do grupo de discussão do Google, envie sua solicitação para o endereço: op.febrapsi@gmail.com

- [Última publicação no Facebook do OP - "Podem negros e negras frequentarem os institutos de psicanálise?" - Por Ignácio Paim](#)

- [Facebook da Febrapsi \(outras publicações do OP\)](#)

- [Site do OP](#)

Brasília assume comando da Febrapsi pela primeira vez em sua história



Por Cláudia A. Carneiro, membro associada da SPBsb

Em outubro de 1970, a professora Virginia Leone Bicudo chegava a Brasília para iniciar seu projeto de trazer a psicanálise para a nova Capital. Seu pioneirismo é hoje comemorado, exatos 50 anos depois, com a eleição de Brasília para conduzir a Federação Brasileira de Psicanálise, a Febrapsi. Em 25 de julho, a Sociedade de Psicanálise de Brasília chegou à presidência do Conselho Diretor da Febrapsi com a posse de nossa colega Cíntia Xavier de Albuquerque para a gestão 2020-2021. Com Cíntia, assume a Diretoria do Conselho Profissional nosso colega Carlos Cesar Marques Frausino.

A escolha de um novo Conselho Diretor da Febrapsi em situação extraordinária ocorreu depois de uma lamentável crise

institucional vivida em nossa instituição. A Diretoria eleita em novembro passado, sob a presidência de Wagner Vidille (SBPSP) – e da qual eu fazia parte como diretora do Departamento de Publicações e Divulgação, em meu segundo mandato –, não conseguiu prosperar em suas tentativas de superar profundas divergências de ordem administrativa. Apesar do enorme esforço do grupo, ao longo de seis meses de permanência, para alcançar consensos e uma aliança de trabalho, a maioria dos diretores, cada um a seu tempo, decidiu se afastar, e por fim o presidente renunciou.

Nessa situação inédita, a Febrapsi contou com a presença ativa e ágil do Conselho de Presidentes das federadas em todo o processo. Os presidentes elegeram um Conselho Diretor interino – do qual Frausino fez parte – e uma comissão eleitoral para tratarem da transição e do processo sucessório. Durante um mês e meio a diretoria provisória trabalhou intensamente para dar continuidade aos projetos iniciados pela antiga diretoria. A única chapa inscrita, encabeçada por Cíntia e composta por Frausino, por colegas da antiga diretoria – Bernard Miodownik, Daniela Bormann, Joyce Goldstein e Wania Cidade, e

por novos colegas – Gisèle Brito, Marina Bilenky e José Gurgel, apresentou-se às várias sociedades em reuniões virtuais, inaugurando uma saudável prática de relacionamento e participação dos membros Febrapsi no processo eleitoral.

Apesar de todas dificuldades da gestão anterior, atravessada pela pandemia e suas consequências, a Febrapsi não parou e deu andamento a atividades programadas e às demandas institucionais suscitadas pela crise política e social do país. Crises propiciam mudanças e podem ser necessárias para que estas ocorram. A Febrapsi segue com o frescor de um grupo cheio de energia e disposição. Parabéns e sucesso à nova diretoria que nos representa!

Febrapsi

Nova diretoria da FEBRAPSI para o Biênio 2020-2021



A FEBRAPSI realizou no sábado, dia 25 de julho de 2020, a Assembleia de Delegados virtual para eleger a nova diretoria, presidida por Cíntia Xavier de Albuquerque (foto). Cíntia é a primeira presidente eleita da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb).

A Assembleia contou com a participação dos presidentes das federadas e seus delegados, mais a diretoria provisória da FEBRAPSI.

Veja a composição do novo Conselho Diretor:

Presidente – Cíntia Xavier de Albuquerque
Secretária Geral – Gisèle de Mattos Brito
Tesoureira – Jose Alves Gurgel
Diretor do Conselho Científico – Bernard Miodownik
Diretora de Comunidade e Cultura – Wania Maria Coelho Ferreira Cidade
Diretora do Departamento de Publicações e Divulgação – Marina Kon Bilenky
Diretor do Conselho Profissional – Carlos César Marques Frausino
Diretora Superintendente – Daniela Bormann
Secretária da Diretoria Científica – Joyce Goldstein
Revista Brasileira de Psicanálise (RBP) – Marina Massi

Ipa

IPA cria inter-comitê sobre racismo e preconceito

O racismo estrutural e sistêmico nos conduz a refletir sobre as raízes inconscientes que patrocinam a intolerância à diferença e o preconceito. Um fenômeno social que promove e perpetua um sofrimento psíquico definitivo e compartilhado por todos na sociedade.

O mundo à nossa volta está mudando em muitas direções e como psicanalistas, somos convocados a refletir e aprofundar nossa auto percepção e reconhecimento dessa realidade na qual estamos todos implicados. Reconhecendo a necessidade e a importância da Psicanálise refletir e se posicionar foi criado

recentemente, pela IPA, um projeto específico, do qual estou fazendo parte, por meio da formação de um Inter comitê sobre preconceito e racismo.

A equipe é formada pela integração do quatro comitês. São eles: Cowap, Violência, Diversidade sexual e gênero e o comitê para as Nações Unidas.

Paola Amendoeira
Membro Associada da SPBsb

SPBsb promove palestras e debates científicos on-line

As atividades da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb) e do Instituto Virgínia Leone Bicudo continuam sendo feitas por plataformas virtuais, devido à pandemia da Covid-19. A SPBsb ficará fechada por prazo indeterminado, aguardando novas orientações das autoridades competentes. Os eventos estão sendo feitos pelo Google Meet.

A programação da Diretoria Científica, dirigida por Lúcia Velloso Passarinho, é a seguinte:

31/07 – Debate sobre o tema “Vínculo analítico no *setting* expandido”, para membros da SPBsb e Instituto com Regina Maria Rahmi, psicanalista, membro efetivo da SBPSP, docente dos Seminários de Psicanálise da Vincularidade Dialética de Família e Casal da Diretoria de Atendimento à Comunidade e coordenadora e docente do curso Família e Casal na Atualidade no Instituto Sedes Sapientiae.

21 e 22/08 – Palestra com a presidente da IPA, Virgínia Ungar.

11 e 12/09 – Palestra sobre autismo, com Mércia Fagundes, analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto e membro efetivo da SBPSP.

07/10 – Apresentação do trabalho de Regina Braga Mota, membro didata da SPBsb, e Keyla Perim, membro titular da SPBsb e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia (Gepg).

06 e 07/11 – Palestra com Ana Rosa Trachtenberg, psiquiatra e psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. É também analista de Infância e Adolescência na APdeBA (Asociación Psicanalítica de Buenos Aires) e integrante do Núcleo de Vínculos e Transmissão Geracional.

Todos os eventos serão coordenados por Lúcia Passarinho, que também é membro titular do Comitê de Casal e Família da Fepal.

Na programação da Diretoria de Comunidade e Cultura, dirigida por Daniela Yglesias de Castro Prieto, estão previstos os seguintes eventos:

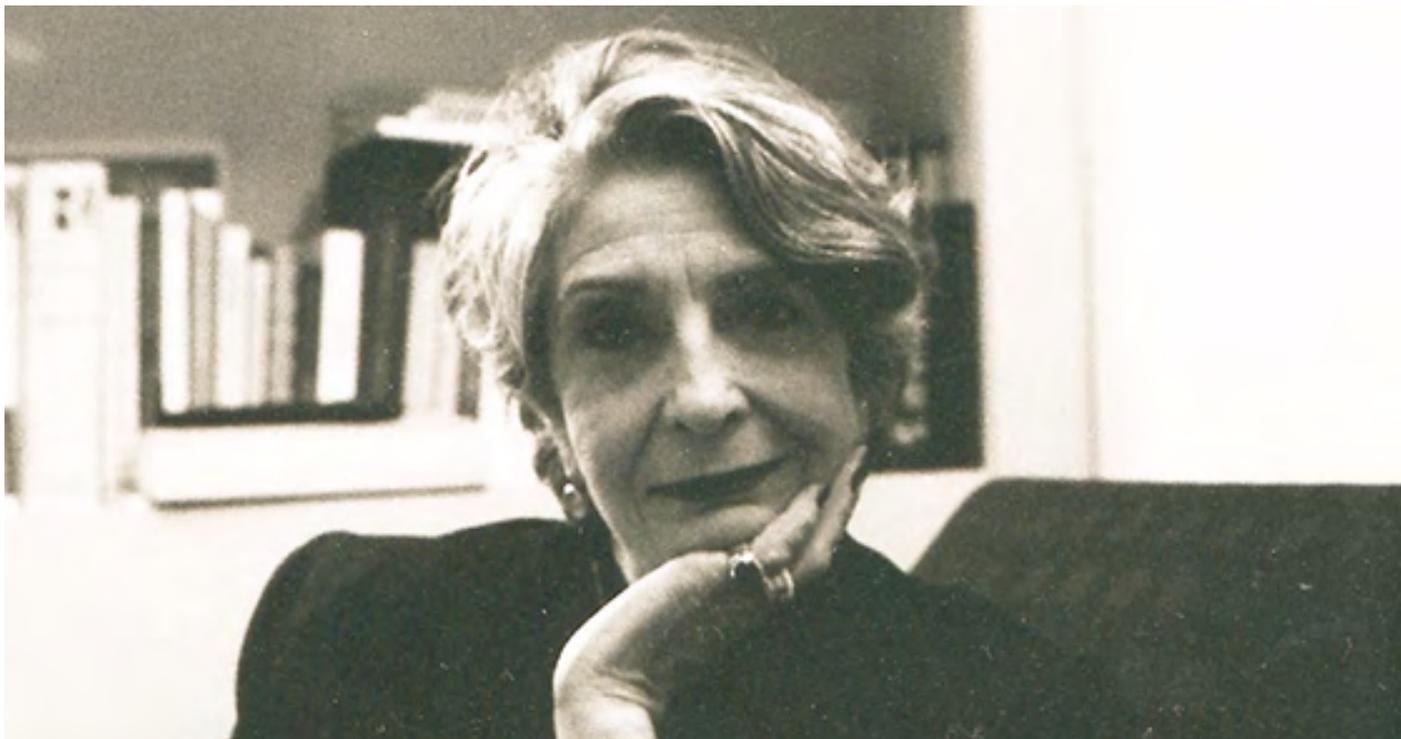
29/08 – Debate sobre o tema “Sofrimento psíquico e desigualdade social”, a partir do filme *Parasita*, dirigido pelo coreano Bong Joon Ho, ganhador do Oscar de melhor filme, melhor diretor, roteiro original e filme estrangeiro. Também levou o prêmio de melhor filme estrangeiro do Globo de Ouro.

19/09 – Debate sobre “Suicídio e *cutting*”. Esse evento contará com as seguintes participações: Marcelo Tavares, psicólogo, mestre e doutor em psicologia clínica e professor adjunto da UnB; e Thiago Blanco, psiquiatra da infância e adolescência, mestre em psiquiatria e psicologia médica pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), professor do curso de Medicina da Escola Superior de Ciências da Saúde e assistente no Hospital de Base do Distrito Federal e do Hospital da Criança de Brasília.

24/10 – Debate sobre “Escravidão do Sujeito no mundo contemporâneo”, com a participação de Maria de Lourdes Teodoro, membro associada da SPBsb, e Mariana de Lima e Silva, antropóloga, e membro do Instituto Virgínia Leone Bicudo. Serão abordados, na ocasião, os filmes *Green Book*, de Peter Farrelly, e *Infiltrado na Klan*, de Spike Lee.

28/11 – Debate sobre “Trauma, sonho e ato”, a partir dos filmes *Tabacaria* (de Nikolaus Leytner, que tem Freud como um dos personagens) e *Coringa*. Participarão do evento Eliana Rigotto Lazzarini, professora e doutora em Psicologia Clínica pela UnB, e Isa Paniago, membro associada da SPBsb e doutora em Psicologia pela UnB.

BIOGRAFIA



Marilia Aisenstein

Nascida em Alexandria, no Egito, Marilia Aisenstein é psicanalista titular e didata da Sociedade de Psicanálise de Paris (SPP) e da Sociedade Helênica de Psicanálise, na Grécia. Foi presidente da SPP e do Instituto de Psicossomática de Paris Pierre Marty (IPSO-Paris). Reconhecida internacionalmente e uma das mais proeminentes psicanalistas da atualidade, Aisenstein é autora de cerca de 130 artigos em revistas internacionais e seis livros (quatro em grego e dois em inglês), abordando, principalmente, a psicossomática e a hipocondria.

O livro *Dor e pensamento – psicossomática contemporânea* (Porto Alegre: Dublinense, 2019), publicado com a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA), reúne textos da autora, com suas reflexões sobre psicossomática psicanalítica baseadas na metapsicologia freudiana.

“A investigação psicossomática [...] ampliou o espectro de ação da psicanálise ao abranger as organizações psíquicas que não dizem respeito às neuroses clássicas e remetem à noção de um excesso de excitação que não foi capturado pela trama das representações”, comenta a psicanalista titular da SBPdePA Ana Paula Terra Machado na apresentação do livro.

O médico e psicanalista Admar Horn, membro da SPP, do IPSO e da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (RIO 2), nos conta no prefácio do livro que Aisenstein, filha de pais gregos e diplomatas, morou em Atenas e aos oito anos de idade foi morar com sua família em Paris. Estudou filosofia, fez longa análise pessoal e foi aceita para formação na SPP em 1978. Em 1995, presidiu essa instituição.

Conhecida por seu rigor no pensamento psicanalítico,

Aisenstein é membro do conselho editorial da *Revue Française de Psychanalyse*, cofundadora e editora da *Revue Française de Psychosomatique*. Segundo Horn, Aisenstein recebeu, em 1993, o prêmio Maurice Bouvet, dado ao melhor trabalho de psicanálise freudiana publicado na França naquele ano: *De l'art du tir à l'arc*.

Em abril de 2018, a autora participou de um encontro realizado em São Paulo, no Instituto Sedes Sapientiae, que contou com a participação de membros da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). O tema abordado foi “Transferência e contratransferência nas desorganizações psicossomáticas”, e está disponibilizado abaixo:

<https://www.youtube.com/watch?v=RMF-FR1gvb4>

CURSOS E GRUPOS DE ESTUDO

Grupo de estudos preparatórios - Congresso de Psicanalistas de Língua Francesa

Coordenação: Silvia Helena Heimbürger
Um sábado por mês - 16h

Grupo de Estudos Psicanálise vincular: Família e Casal

Coordenação: Comissão de Psicanálise vincular: família e casal
Encontros quinzenais - Quartas-feiras - 19h

Grupo de Estudos - Leituras a partir do Livro Anual

Coordenação: Teresa Cristina Peixoto, Maria Nilza Campos e Sancha Benvindo Lopes
Uma sexta-feira por mês - 16h

Encontros - Sexualidade e Gênero - Cowap-SPBsb

Coordenação: Almira Rodrigues e Larissa de Andrade
Um sábado por mês - 16h

Curso - Temático teórico na Obra de Freud

Coordenação: Carlos de Almeida Vieira
3º sábado do mês - 15h

Curso - Observação da relação mãe-bebê

Coordenação: Maria Silvia R. M. Valladares
Quartas-feiras - 19h

AGENDA NACIONAL E INTERNACIONAL

II Simpósio bienal SBPSP - Fronteiras da Psicanálise: a clínica em movimento

21 a 28/08/20

SBPSP

Informações: sbpsp.org.br

¿Que puede aportar el psicoanálisis a la situación viral? - Dra. Virgínia Ungar

15/08/20

SPRJ

Informações: sprj.org.br

Webinar: O inconsciente parental - fronteiras da transgeracionalidade

12/09/20

SBPSP

Informações: sbpsp.org.br

33º Congresso latino-americano de psicanálise

Todas as sextas e sábados de outubro de 2020

Fepal

Informações: congresofepal2020@gmail.com

CORPO DIRETIVO SPBsb

DIRETORIA

Presidente: Roberto Calil Jabur

Secretária: Isa Maria Lopes Paniago

Tesoureira: Maria de Lourdes Zilli Guimarães

Diretora Científica: Lúcia Eugênia Velloso Passarinho

Diretora do Instituto: Silvia Helena Dutra de Carvalho Heimbürger

Diretora de Comunidade e Cultura: Daniela Yglesias de Castro Prieto

BIBLIOTECA

Responsável: Isa Maria Lopes Paniago

CENAPP - CENTRO DE ATENDIMENTO E PESQUISA EM PSICANÁLISE

Coordenação: Liliãna Dutra de Moraes

Membro das subcomissões: Erika Reimann

COMISSÃO DE DIVULGAÇÃO E IMPRENSA

Editora do Boletim Informativo: Helena Daltro Pontual

Editora do Jornal Associação Livre: Paola Amendoeira

COMISSÃO DE ENSINO

Silvia Helena Heimbürger (coordenadora), Luciano W. G. Lírio, Maria Silvia R. M. Valladares, Teresa Cristina de Moura Peixoto e Tito Nícias Rodrigues Teixeira da Silva

COMISSÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Adriana de Souza Brill (coordenadora suplente)

CONSELHO DE DIDATAS

Silvia Helena Heimbürger, Avelino Neto, Carlos de Almeida Vieira, Daniel Emídio de Souza, Delza Maria Araújo, José Nepomuceno Filho, Márcio Nunes de Carvalho, Maria de Fátima Malva, Regina Lúcia Braga Mota, Roberto Calil Jabur, Ronaldo M. de Oliveira Castro, Selma de Oliveira Porto, Tito Nícias Teixeira da Silva

CONSELHO DE ÉTICA

Titulares: Maria Silvia Regadas de Moraes Valladares, Tito Nícias Rodrigues Teixeira da Silva e Ronaldo Mendes de Oliveira Castro
Suplentes: Avelino Ferreira Machado Neto, Maria Fernanda Cardoso Lenzi e Maria Helena Lima de Oliveira Castro

REVISTA ALTER

Carlos Wilson de Andrade Filho (editor)

Pedro de Andrade Calil Jabur (coeditor)

SETOR DE PSICANÁLISE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Maria Silvia R. M. Valladares (coordenadora)

COMISSÃO DE PSICANÁLISE VINCULAR: FAMÍLIA E CASAL

Coordenadora: Lúcia Eugênia Velloso Passarinho

Membros: Ana Velia Vélez de Sánchez Osella, Lúcia Eugênia Velloso Passarinho, Maria José Miguel e Nize Nascimento

SECRETARIA ADMINISTRATIVA

Flávia Alvim e Lannusa Castro

EXPEDIENTE

Boletim Informativo da SPBsb - edição trimestral

Editora responsável: Helena Daltro Pontual

Editoração: Lannusa Castro

Sociedade de Psicanálise de Brasília SPBsb

SHIS QI 09 Bl. E-1 sala 105 - 71625-175

Brasília-DF - (61) 3248-2309 - spbsb@spbsb.org.br - spbsb.org.br